

Bancos Alimentares contra a Fome¹

Os números impressionam: 2.309 toneladas de alimentos recolhidos, em mais de 1.560 superfícies comerciais, pela actuação de 31.900 voluntários. São os resultados da mais recente campanha de recolha de alimentos, promovida pelos Bancos Alimentares contra a Fome no último fim-de-semana de Maio de 2011.

Os alimentos recolhidos serão distribuídos a 1.936 instituições de solidariedade social, que os farão chegar a cerca de 319.000 pessoas com carências alimentares comprovadas.

Como tudo começou

O St. Mary's Food Bank, o primeiro Banco Alimentar do mundo, surgiu em Phoenix, nos Estados Unidos da América, corria o ano de 1967. O seu fundador, John van Hengel, ajudava como voluntário no Instituto de S. Vicente de Paulo, recolhendo donativos para o serviço de refeições para os desfavorecidos, quando se deu conta que os retalhistas destruíam os alimentos mal empacotados ou já perto do final do prazo de validade.

Contactou então os estabelecimentos da região, solicitando os alimentos em bom estado de conservação, mas que já não pudessem ser vendidos. Conseguiu mais de 100.000 kg de alimentos, valor bastante superior às necessidades do Instituto, que foram distribuídos a 36 instituições.

Com o sucesso desta primeira experiência nasceu o conceito de 'banco de alimentos'. À semelhança dos bancos tradicionais, tratava-se de recolher e ter *depósitos* de alimentos conseguidos por doação de empresas e pessoas individuais, para que as entidades de carácter social autorizadas pudessem posteriormente fazer os respectivos *levantamentos*.

A ideia foi bem acolhida, tendo sido replicada em outros locais do país. Ainda hoje, o St. Mary's Food Bank é o maior banco alimentar americano, distribuindo anualmente cerca de 33.000 toneladas de alimentos através de 534 instituições, suficiente para 275.000 refeições por dia.

Em 1984 chegou também à Europa, com a criação de um banco alimentar em França. Actualmente, existem 240 bancos alimentares operacionais na Europa, que, em 2010, distribuíram 359.960 toneladas de produtos a 4,9 milhões de pessoas, através de 27.660 instituições.

¹ Caso do Centro de Investigação da AESE.
Preparado por Jorge Costa da Silva, MBA da AESE-IESE, sob a supervisão do Professor Eugénio Viassa Monteiro, em Julho de 2011, para servir como base de discussão académica, e não como exemplo da gestão, adequada ou inadequada, de uma situação concreta.
Proibida a reprodução, total ou parcial, sem autorização escrita.
Copyright © 2011 by AESE.

Os Bancos Alimentares em Portugal

No nosso país, a criação dos bancos alimentares tem início em 1990 quando, por iniciativa do Comandante José Vaz Pinto, se reuniu em Lisboa um grupo de pessoas sensibilizadas pelo problema da fome.

O interesse do Comandante Vaz Pinto nasceu da leitura de um anúncio numa revista francesa, no qual se apelava à participação numa recolha de alimentos para um Banco Alimentar contra a Fome.

Intrigado e interessado, deslocou-se a Paris, tendo sido recebido pelo Presidente do banco alimentar dessa cidade, Bernard Dandrel. Foi grande a surpresa quando ouviu dizer que ele mesmo acabava de regressar de Lisboa, tendo concluído não haver em Portugal razões para a criação de uma instituição desta natureza.

Não partilhando desta opinião, o Comandante Vaz Pinto, em conjunto com o Eng. Manuel Lencastre e o Pe. António Vaz Pinto, deu início, em 1991, à Associação Banco Alimentar contra a Fome, em Lisboa.

O primeiro armazém foi cedido pela Administração do Porto de Lisboa, em Santos. Outras ajudas vieram do Comissariado de Luta contra a Pobreza, da Câmara Municipal de Lisboa e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Finalmente, em 1992, após a primeira campanha de recolha de alimentos, deu-se a abertura do Banco Alimentar de Lisboa, que é hoje o maior do seu género em toda a Europa.

A este primeiro banco em Lisboa seguiram-se outros, em vários locais do país: Porto em 1994, Évora e S. Miguel em 1996, Coimbra e Aveiro em 1997... Existem hoje 19 bancos alimentares.¹ Posteriormente, em 23 de Fevereiro de 1999, foi constituída a Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome², com o objectivo de zelar pela missão e valores do projecto, harmonizar e coordenar os procedimentos dos bancos e impulsionar a constituição de novos bancos.

A luta contra o desperdício

Dando continuidade à visão inicial dos bancos alimentares, a principal linha de força é a luta contra o desperdício de alimentos. Trata-se, fundamentalmente, de captar os excedentes que se encontram em vários estádios da cadeia de valor do sector agro-alimentar.³

Recebem-se donativos, fazendo-se finca-pé na importância de serem em espécie. Quando empresas ou organismos pretendem contribuir com dinheiro, os bancos alimentares convidam as entidades a fazerem directamente a aquisição dos bens necessários e a doarem-nos.

A abertura de um novo banco alimentar é precedida de um levantamento dos potenciais doadores na sua área de intervenção. De seguida, agendam-se reuniões com as diversas empresas identificadas e propõe-se uma parceria de negócio, através da qual se explicitam as diversas vantagens das doações: eliminação de custos de destruição ou de armazenamento dos bens em

¹ O Anexo 1 contém a listagem completa dos Bancos Alimentares.

² No Anexo 2 indicam-se os membros do corpos sociais da Federação, para o triénio 2009-2011, bem como uma breve biografia da Dra. Isabel Jonet, actual Presidente da Direcção.

³ O Anexo 3 mostra as diferentes origens dos alimentos obtidos pelo Banco Alimentar de Lisboa, em 2009 e 2010.

excesso, benefícios fiscais, já que os donativos são considerados como custo fiscal em 140% do seu valor, e reforço da sua política de responsabilidade social.

Os bancos alimentares não compram produtos alimentares, apesar de não disporem de toda a variedade que produtos que seria conveniente.¹ Esta tomada de posição facilita e torna transparente a relação com as empresas doadoras do sector alimentar, já que os bancos nunca são clientes, mas tão-somente receptores de doações. Por outro lado, permitir aquisições directas poderia desvirtuar todo o funcionamento e o objectivo central dos bancos. Em lugar de se combater o desperdício, poder-se-ia correr o risco de centrar a atenção na procura de fundos.

Os bancos alimentares têm um cariz fortemente local e conseguem os donativos das instituições da região em que operam. Apenas há redistribuição dos donativos concedidos pelas empresas nacionais. A forma de dividir esses bens pelos vários bancos alimentares é revista anualmente e tem em conta factores como a eficiência operacional de cada banco e as estatísticas das carências sociais da região.

Logística

Os bancos alimentares recebem e distribuem milhares de toneladas de bens alimentares. Em 2010, esse valor atingiu as 26.542² toneladas. Só em Lisboa, distribuem-se diariamente 44 toneladas. No conjunto dos bancos, esse valor é de 90 toneladas por dia útil. Naturalmente, as operações logísticas correspondentes têm um grande peso na actividade dos Bancos.

As fases do processo são as seguintes:

- Recolha e encaminhamento de produtos alimentares para um centro de processamento;
- Triagem e armazenamento;
- Controlo de qualidade;
- Armazenamento em frio, quando necessário
- Logística de saída para entrega às Instituições de solidariedade social.

Nada é deixado ao acaso. Todo o processo está apoiado num sistema informático de gestão de stocks concebido por uma empresa consultora de referência, e é sujeito a actualizações regulares. A programação dos produtos-base é feita por um período de seis meses. Os restantes produtos têm uma gestão de periodicidade mensal

São definidos com cada instituição os momentos para a entrega dos alimentos atribuídos: duas vezes por mês para recolha de produtos secos e uma vez por semana, para a recolha dos frescos. No total são quatro visitas por mês de cada instituição. A recolha é sempre da responsabilidade das instituições receptoras, sendo o horário acordado na altura da assinatura do contrato com o Banco Alimentar.

¹ No Anexo 4 identificam-se os diferentes tipos de produtos alimentares recebidos pelo Banco Alimentar de Lisboa, em 2009 e 2010.

² O Anexo 5 mostra a evolução anual da tonelagem de alimentos recebidos desde 1992.

Instituições sociais

Como referido, os destinatários imediatos dos Bancos alimentares são mais de 1.900 instituições¹ de solidariedade social que têm uma acção directa junto de pessoas carenciadas, cuja situação conhecem em pormenor. Em 2010, o apoio chegou a 297.946 pessoas.²

Tais instituições candidatam-se à recepção de alimentos e são objecto de uma reunião de avaliação seguida de uma visita. Caso estejam reunidas as condições necessárias, celebra-se um acordo de fornecimento de produtos. Os bancos alimentares têm o cuidado de sublinhar com clareza que não dispõem de todos os produtos desejados, mas apenas aqueles que lhes são doados.

Os bancos alimentares têm uma boa percepção do trabalho social das entidades de solidariedade que apoiam. Estas não são apenas distribuidoras de ajuda alimentar, mas devem ter um papel mais abrangente, promovendo activamente a dignidade e autonomia das pessoas carenciadas.

As instituições apoiadas fazem a distribuição dos alimentos, preparando cabazes que entregam às famílias ou confeccionando refeições (lares, creches, refeitórios sociais, apoio domiciliário), havendo as que têm as duas modalidades. Há também organizações que fazem distribuição de refeições na rua e em pequenos locais de atendimento.

Cada instituição preenche todos os meses uma “Guia de Actualização Mensal”. Aí indicam o número de famílias e pessoas às quais fazem a distribuição de cabazes (tanto de produtos secos, como de produtos frescos). Também referem o número de refeições fornecidas, bem como os produtos que não se pretende receber, se for caso disso.

As instituições são visitadas duas vezes por ano, por uma equipa de voluntários do Banco Alimentar. São visitas de exploração, amigas, não de fiscalização ou inspecção. Com essas visitas alcançam-se três grandes objectivos:

- Conhecimento da realidade da instituição, tanto do ponto de vista dos espaços físicos, como da organização e modo de funcionamento;
- Verificação de que se mantêm as condições existentes na data em que foi celebrado o acordo com o Banco Alimentar; verificação do trabalho realizado com os utentes e as famílias; e que os produtos doados chegam em boas condições ao seu destino;
- Estreitar o relacionamento, consolidando a relação de confiança existente.

Em Lisboa, no ano de 2010, realizaram-se 394 visitas a instituições. Foram, além disso, realizadas 109 reuniões no banco com os seus responsáveis. De cada visita faz-se um relatório pormenorizado, que recolhe um conjunto relevante de dados e informações.

As instituições informam o Banco Alimentar de quem são as pessoas ajudadas. Essas informações são compiladas numa base de dados que permite fazer o controlo da ajuda, evitando situações de sobreposição dos auxílios. Há uma grande permanência das entidades que são apoiadas, mantendo-se ano após ano uma forte relação de proximidade e confiança mútuas.

¹ A evolução do número de instituições apoiadas desde 1992 é mostrada no Anexo 6.

² No Anexo 7 permite conhecer a evolução do número de pessoas assistidas pelos bancos alimentares desde 1992.

Há também pedidos de ajuda directos. Embora os bancos não possam satisfazer esses pedidos, eles são encaminhados para a instituição da zona de residência ou para a instituição mais adequada à situação em causa.

Voluntários

A maior parte do trabalho dos bancos alimentares é assegurado por voluntários. São o alicerce de toda a estrutura, só se recorrendo ao trabalho remunerado para a realização de tarefas que pela sua natureza assim o exijam.

Neste momento, o Banco Alimentar de Lisboa conta com a colaboração de 250 voluntários, aos quais se somam 13 colaboradores remunerados. Há uma grande presença de pessoas reformadas e em pre-reforma. Há também alguns voluntários na situação de desemprego.

Cada voluntário fixa um horário de trabalho, adquirindo o compromisso de o cumprir. Os voluntários colaboram normalmente de uma a três vezes por semana, mas há quem o faça todos os dias. Os bancos alimentares dão formação aos voluntários. Depois de um acolhimento e formação inicial sobre o sector social e a cultura da instituição, cada um recebe uma formação prática na tarefa que irá realizar, sendo acompanhado por um tutor, durante um mês.

Campanhas

Em cada ano, realizam-se duas campanhas “saco” nacionais de recolha de alimentos, com grande notoriedade pública. Têm como objectivo recolher bens alimentares dos quais não existem excedentes, porque não são doações espontâneas. É o caso, por exemplo, do azeite, massas, cereais ou óleo. As campanhas servem também para reforçar a divulgação do trabalho realizado pelos bancos alimentares.

As campanhas implicam um grande esforço de organização. Cada local de recolha elabora um dossier de documentação, do qual constam, por exemplo, as instituições da respectiva área geográfica que irão receber os bens recolhidos.

A coordenação da actividade de recolha em cada local é assegurada por um Chefe de Equipa, cuja responsabilidade inclui a formação dos voluntários afectos a esse local. Para a campanha de Maio de 2011 inscreveram-se 36.000 voluntários. O hipermercado Continente do Centro Comercial Colombo por si só contou com a presença de 250.¹

A estas campanhas já tradicionais dos Bancos Alimentares, juntou-se a campanha “Ajuda Vale”, realizada pela primeira vez de 26 de Maio a 5 de Julho de 2011, simultaneamente com a respectiva campanha “saco”. Com esta iniciativa, em todas as lojas das principais cadeias de distribuição, foram disponibilizados, em suportes próprios, vales de produtos seleccionados (como azeite, óleo, leite, salsichas e atum). Cada cupão representa uma unidade do produto e, para além de mencionar que se trata de uma entrega destinada aos Bancos Alimentares Contra a Fome, refere de forma clara a identificação do tipo de produto, a respectiva unidade e inclui um código de barras próprio, através do qual é efectuado o controlo das dadas.

¹ O Anexo 8 mostra a distribuição, pelas principais superfícies comerciais, das doações recebidas pelo Banco Alimentar de Lisboa, em Maio de 2010 e Dezembro de 2009.

Ao efectuar o pagamento, o dador entrega o cupão “Ajuda Vale” na caixa registadora e os produtos ficam claramente identificados no talão de caixa. A logística de transporte para os Bancos Alimentares contra a Fome fica a cargo de cada uma das cadeias de distribuição.

Através desta nova modalidade, cuja execução foi auditada externamente, os Bancos Alimentares Contra a Fome conseguiram chegar à quase totalidade das localidades do País, promovendo ainda mais uma lógica de proximidade e de facilidade de contribuir.

A campanha de Maio de 2011 trouxe ainda outra novidade, com a inauguração de um novo canal *on-line* de doação de alimentos, disponível durante 11 dias, enquanto decorria também a campanha “Ajuda vale”. Quase 4.000 pessoas doaram perto de 60 toneladas de alimentos, tendo havido acessos a partir de 94 países diferentes, com 55.000 cliques no total.

As soluções tecnológicas aplicadas revelaram-se adequadas para responder aos picos de acesso, tendo havido uma disponibilidade de 100% da aplicação *on-line*.

Organização interna

A estrutura organizativa dos bancos alimentares integra actualmente seis Comissões:

- **De abastecimento**

Procede à angariação dos donativos de géneros alimentares. Deve contactar os industriais, agricultores e comerciantes da região, sensibilizando-os para a possibilidade de doarem os seus excedentes em vez de os destruírem. Organiza ainda as duas campanhas anuais de recolha de alimentos, bem como a campanha “Ajuda Vale” e a recolha de alimentos em escolas e universidades.

- **De voluntários**

A esta comissão compete angariar os voluntários que serão posteriormente distribuídos pelas diferentes comissões. Deve acolhê-los, avaliar as suas aptidões e características e promover a sua inscrição. Contacta ainda todos os voluntários necessários para as campanhas de recolha de alimentos em supermercados. Organiza a formação geral sobre a actividade e promove encontros regulares entre os voluntários, animando-os, incentivando-os e cultivando o espírito e a cultura “Banco Alimentar”.

- **De distribuição**

Cabe a esta comissão a determinação das quantidade de géneros a serem distribuídas pelas instituições, em função das suas necessidades e dos serviços prestados a cada pessoa. Mantém um controlo permanente dos movimentos de entrada e saída do armazém e respectivo lançamento informático, bem como a realização de inventários.

O serviço de visitas e apoio a instituições assegura a recepção e análise das candidaturas, a avaliação das necessidades e condições de funcionamento, a preparação dos protocolos a assinar e acompanhamento ao longo do ano da actividade de todas as instituições apoiadas.

- **Administrativa e financeira**

A ela estão atribuídas todas as tarefas ligadas aos vários aspectos da vida económica e financeira do banco, nomeadamente, a contabilidade e a elaboração de orçamentos. Cabe-lhe ainda solicitar os donativos em dinheiro necessários para fazer face às despesas de

funcionamento inevitáveis. A contabilidade é elaborada por uma empresa especializada e as contas são devidamente auditadas.¹

- **Técnica**

É da sua responsabilidade o cumprimento das tarefas que são normais em qualquer grande armazém: recepção, verificação e arrumação dos produtos, preparação para saída e expedição, supervisão da rede de frio (refrigeração e congelação), controlo sanitário dos alimentos e manutenção de todo o material e veículos.

- **De Imagem e Relações Públicas**

Incumbe a esta comissão tudo quanto diz respeito à projecção do nome e da imagem do banco alimentar para o exterior, sobretudo por ocasião das campanhas de recolha em supermercados e à divulgação do banco alimentar junto do público e empresas, produzindo o material necessário.

O futuro

Já há actualmente um razoável número de Bancos Alimentares a funcionar pelo país fora. Será bom apoiar a multiplicação do seu número e, se sim, à base de que critérios? A profunda crise, com recessão, que a Europa toda está a atravessar, deverá levar os Bancos Alimentares a uma atitude pró activa, nomeadamente alguma educação ou difusão de práticas de maior reciclagem de produtos, de poupança em tudo quanto possível, com racionalidade e disciplina nos hábitos alimentares e, em geral no consumo, para se ter uma vida mais sóbria e sã?

Por outro lado, o objectivo final dos bancos alimentares está estreitamente ligado ao funcionamento das instituições que beneficiam dele, para apoiarem o utilizador final, a pessoa necessitada. Neste âmbito, notam-se algumas dificuldades, nomeadamente o peso burocrático que tais instituições têm de suportar e que retira disponibilidade para as tarefas mais urgentes orientadas para cuidar das pessoas.

O que poderá fazer a Federação dos Bancos Alimentares para chegar ainda mais longe, na sua tarefa de combater o desperdício e mitigar as carências, sem contrariar o objecto estatutário?

A Presidente da Federação dos Bancos Alimentares vinha a pensar em criar um serviço especializado para reforçar a gestão e organização dos Bancos Associados, ajudando-os em assuntos de ordem contabilística, orçamental, de preenchimento dos formulários e impressos solicitados pelos organismos oficiais tutelares, quer para a concessão de subsídios e apoios, quer para seu controlo.

Como poderia funcionar um serviço desta natureza, que seria também da maior utilidade para outras Instituições de Solidariedade, permitindo, aligeirar as tarefas 'laterais' do tipo burocrático-oficial e administrativo? Como ajudar eficazmente tais instituições, sem interferir na sua gestão nem retirar a sua iniciativa e autonomia?

E porque não tirar proveito das experiências acumuladas, para promover a melhoria do desempenho das Instituições e dos seus colaboradores quanto à organização e capacidade de gestão, proporcionando-lhes formação e aconselhamento?

¹ O Anexo 9 apresenta os dados financeiros do Banco Alimentar de Lisboa para os anos de 2009 e 2010.

Anexo 1

Lista completa dos Bancos Alimentares com o ano da sua criação (2011)

1992 – Lisboa
1994 – Porto
1996 – Évora e S. Miguel
1997 – Coimbra e Aveiro
1998 – Abrantes
2000 – Setúbal
2002 – Cova da Beira
2003 – Leira - Fátima
2006 – Oeste
2007 – Portalegre e Algarve
2008 – Braga
2009 – Santarém, Viana do Castelo, Viseu
2011 – Beja e Terceira

Anexo 2

Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome

Corpos Sociais da Triénio 2009-2011

Direcção

Dra. Maria Isabel Parreira Jonet (Presidente)
Eng. José Manuel Simões de Almeida
Eng Sérgio Augusto Sawaya

Suplentes

Dr. Ricardo Pinheiro Alves
Dr. António Torres Pereira

Mesa da Assembleia Geral

Dr. Rui Machete (Presidente)
Prof. Dr. José Manuel Caldeira da Silva (Vice Presidente)
Dr. Lourenço de Almeida (Secretário)

Conselho Fiscal

Dr. João van Zeller (Presidente)
Dr. António Castro Henriques (Vice-Presidente)
Dr. Carlos de Oliveira (Vogal)

Suplentes

Dr. António Nogueira Chaves
Daniel Simões

Dados biográficos sumários da Dra. Isabel Jonet

Maria Isabel Torres Baptista Parreira Jonet, nasceu em Lisboa, é casada e tem cinco filhos. Licenciou-se em Economia em 1982, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Trabalhou no Comité Económico e Social das Comunidades Europeias, em Bruxelas, entre 1987 e Julho de 1993. Foi adjunta da Direcção Administrativo-Financeira da Sociedade Portuguesa de Seguros entre Março de 1983 e Dezembro de 1986 e da Direcção Financeira da Assurances Générales de França em Bruxelas em 1987.

Desde 1993 trabalha em regime de voluntariado no Banco Alimentar Contra a Fome, sendo actualmente Presidente da Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome, Presidente do Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa e Membro do Conselho de Administração da Federação Europeia dos Bancos Alimentares. É fundadora e Presidente da ENTRAJUDA, instituição de apoio a instituições de solidariedade social numa óptica de gestão e organização.

Anexo 3

Banco Alimentar de Lisboa - entradas de produtos por tipo de origem

Entradas por tipo de origem	2010			2009		
	quilos	%	euros	quilos	%	euros
Total	11 834 617,33	100,00	17 609 238,47	9 886 260,15	100,00	15 569 091,08
Indústria agro-alimentar	4 008 051,08	33,87	8 678 611,84	3 858 028,65	39,02	8 977 058,20
Programa comunitário de Apoio Alimentar a Carenciados	3 447 458,50	29,13	4 230 909,02	1 407 799,25	14,24	1 767 175,38
Retiradas de Fruta - IFAP	1 352 261,86	11,43	956 894,90	1 464 633,24	14,81	1 057 592,91
Campanhas de recolha em supermercados	1 307 916,85	11,05	1 297 367,93	1 247 710,25	12,62	1 243 283,81
MARL - Frutas e legumes	1 230 295,62	10,40	1 370 296,81	1 222 740,81	12,37	1 385 075,27
Outras entidades	171 990,07	1,45	563 318,06	268 314,85	2,71	563 997,18
Cadeias de Distribuição	147 940,60	1,25	232 339,94	219 414,50	2,22	343 200,75
Produtos transformados	97 450,20	0,82	146 175,30	12 315,70	0,12	24 631,40
Donativos em dinheiro convertidos em produtos	71 252,55	0,60	133 324,67	164 177,90	1,66	145 320,94
Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares	0,00	0,00	0,00	21 125,00	0,21	61 755,25

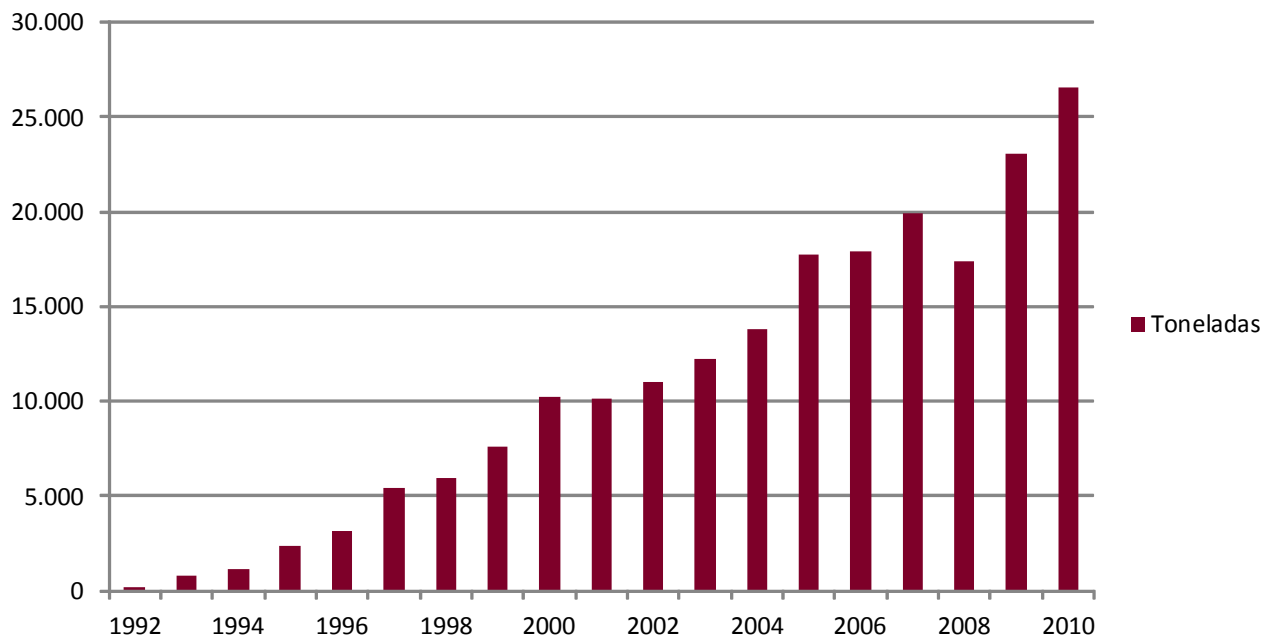
Anexo 4

Banco Alimentar de Lisboa - Entradas por tipo de produto

Entradas por produto	2010		2009		Variação (2010-2009)	
	quilos	%	quilos	%	quilos	%
Fruta Fresca	2 289 455,15	19,35	2 376 782,87	24,04	- 87 327,72	- 3,67
Massa e Arroz	2 103 771,70	17,78	888 390,90	8,99	1 215 380,80	136,81
logurtes, queijos e ovos	1 394 467,10	11,78	705 975,72	7,14	688 491,38	97,52
Leite	1 230 701,00	10,40	1 067 910,25	10,80	162 790,75	15,24
Refrigerantes e águas	934 322,10	7,89	883 278,10	8,93	51 044,00	5,78
Legumes Frescos	828 985,55	7,00	1 134 570,35	11,48	- 305 584,80	- 26,93
Cereais, chocolates e sobremesas	689 430,60	5,83	454 364,05	4,60	235 066,55	51,74
Margarina, manteiga, óleo e azeite	357 728,80	3,02	248 478,50	2,51	109 250,30	43,97
Outros produtos	348 248,40	2,94	289 257,68	2,93	58 990,72	20,39
Pão, bolachas, tostas e aperitivos	302 598,50	2,56	361 240,74	3,65	- 58 642,24	- 16,23
Leguminosas secas e enlatadas	298 832,20	2,53	411 226,35	4,16	- 112 394,15	- 27,33
Congelados	272 517,80	2,30	301 525,50	3,05	- 29 007,70	- 9,62
Farinhas e purés	214 288,30	1,81	83 990,90	0,85	130 297,40	155,13
Produtos para bebés	191 801,60	1,62	191 703,95	1,94	97,65	0,05
Açúcar e adoçantes	131 600,40	1,11	184 445,30	1,87	- 52 844,90	- 28,65
Charcutaria enlatada	112 942,32	0,95	96 479,17	0,98	16 463,15	17,06
Conservas de peixe	85 599,70	0,72	100 873,63	1,02	- 15 273,93	- 15,14
Sopas, molhos, especiarias e conservas	47 326,11	0,40	105 766,19	1,07	- 58 440,08	- 55,25
Total	11 834 617,33	100,00	9 886 260,15	100,00	1 948 357,18	19,71

Anexo 5

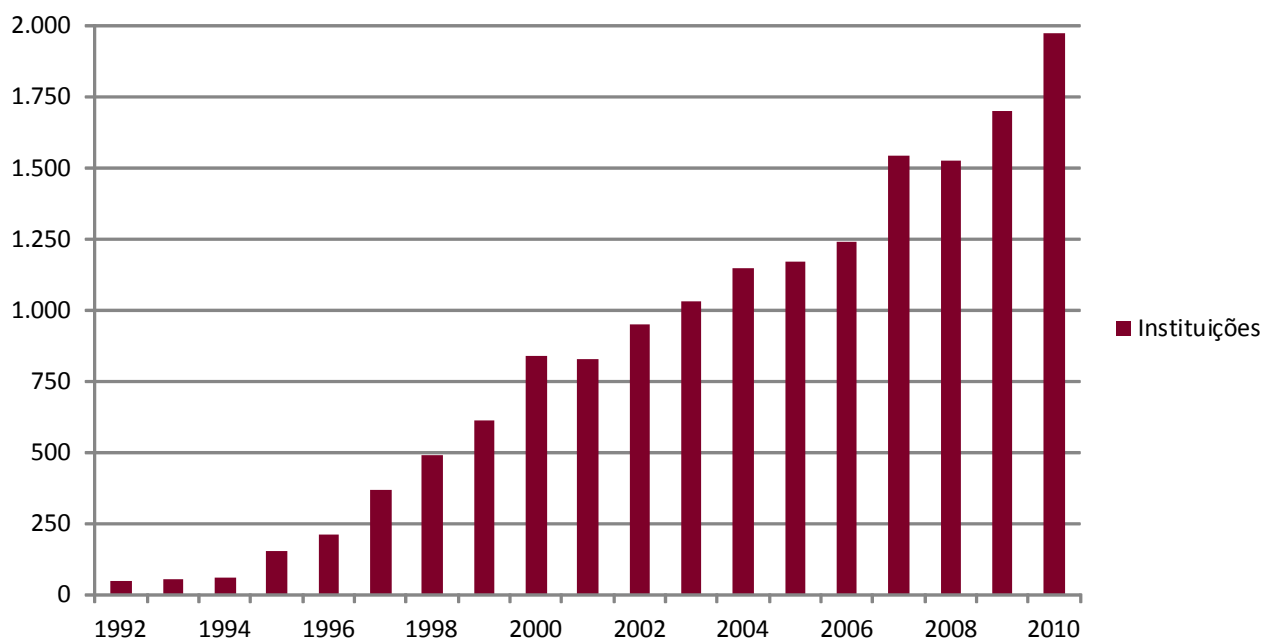
Quantidade de alimentos recebidos e distribuídos pelos Bancos Alimentares



Caso apresentado ao Prémio FAE/EDP 2015

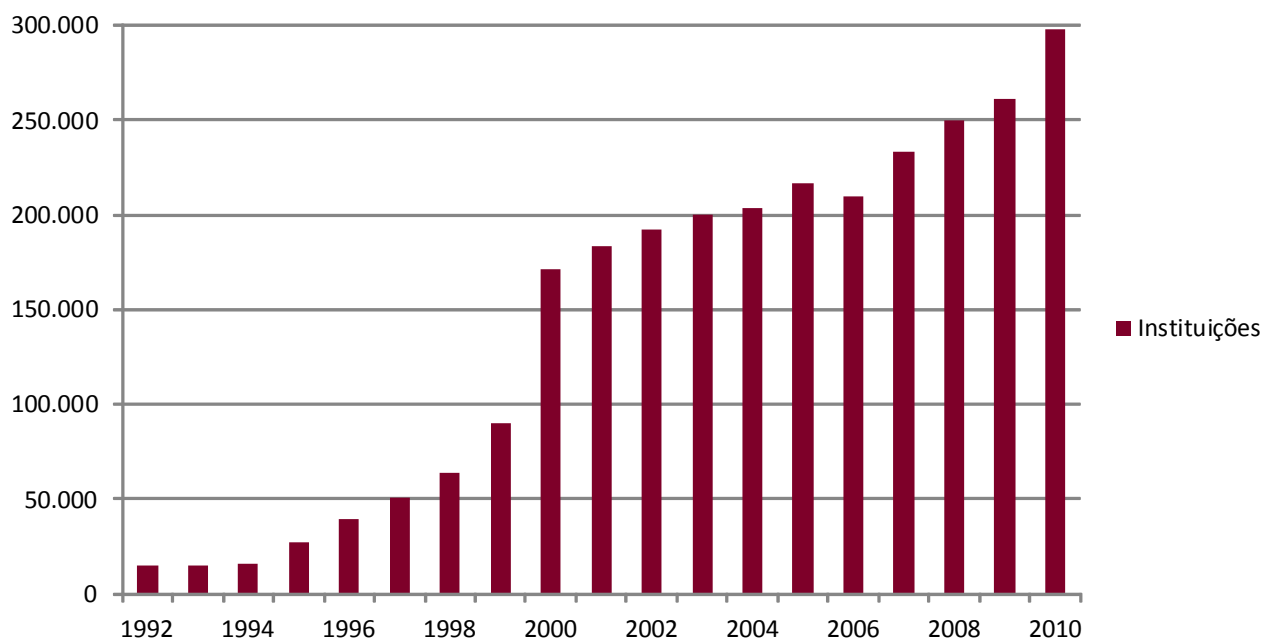
Anexo 6

Número de Instituições de Solidariedade Social apoiadas pelos Bancos Alimentares



Anexo 7

Número de pessoas assistidas pelos Bancos Alimentares, através das Instituições



Anexo 8

Banco Alimentar de Lisboa – Campanha de recolha de alimentos

	Campanha Saco				Campanha Ajuda Vale			
	Maio 2010		Dezembro 2009		Maio 2010		Dezembro 2009	
	quilos	Nº lojas	quilos	Nº lojas	quilos	Nº lojas	quilos	Nº lojas
Auchan - Pão de Açúcar	35 261	7	80 374	7	4 474	7	10 137	7
Dia/MiniPreço	7 970	8	13 531	9	14 581	122	15 188	122
El Corte Inglés	4 413	2	10 559	1	2 736	3	3 430	3
Lidl	52 458	29	78 402	28	6 006	50	12 788	51
Modelo-Continente	123 510	25	244 588	25	11 120	31	22 396	32
Pingo Doce - Feira Nova	227 904	81	369 973	83	58 827	100	80 874	100
Outros	39 949	24	62 090	25	0	0	0	0
Total	491 465	176	859 517	178	97 744	313	144 813	315

Anexo 9

Banco Alimentar de Lisboa - Dados financeiros (em euros)

	2010	2009
Custos		
Bens alimentares doados distribuídos	16 586 250,47	15 118 030,74
Remunerações e respectivos encargos	278 197,70	242 945,79
Transportes e combustíveis (recolha de alimentos)	117 322,24	109 674,69
Despesas com campanhas de supermercados e donativos	47 918,25	113 818,68
Telefones e Correios	21 348,68	12 935,28
Conservação e Reparações	15 831,45	15 186,91
Electricidade	19 908,87	18 756,04
Material de escritório e limpeza	9 219,59	7 341,41
Deslocações e despesas com voluntários	19 118,87	15 810,36
Despesas de embalagem e transformação de alimentos	19 841,97	5 273,81
Outras despesas e encargos diversos	25 974,99	25 913,78
Custos extraordinários/quebras	61 835,31	128 424,03
Provisões	101 096,19	130 000,00
Amortizações	10 597,01	13 825,81
Custos financeiros	1 492,86	1 139,51
Bens alimentares adquiridos com donativos em dinheiro	164 348,93	193 554,61
Total de Custos	17 500 303,38	16 152 631,45
Proveitos		
Bens alimentares recebidos em doação	16 586 250,46	15 246 254,76
Donativos de particulares	641 243,51	702 510,64
Donativos de empresas	234 537,00	176 962,69
Recuperação de transportes	15 307,10	0,00
Outros proveitos diversos	33 132,82	44 034,93
Total de Proveitos	17 510 470,89	16 169 763,02
Resultado	10 167,51	17 131,57

Anexo 10

Artigo Quinto dos Estatutos

São associados efectivos do Banco Alimentar Contra a Fome as pessoas singulares que participam voluntária e regularmente com os seus serviços nas actividades da Associação, integrando qualquer dos Departamentos criados pelo Regulamento Interno.

São direitos dos Associados Efectivos:

- a) Participar nas reuniões da Assembleia Geral, com direito a voto.
- b) Eleger e ser eleito para os corpos gerentes.
- c) Requerer a convocação da Assembleia Geral Extraordinária, nos termos do número seis do artigo vigésimo.
- d) Examinar os livros, relatórios e demais documentos, desde que o requeiram por escrito com a antecedência mínima de trinta dias e se verifique um interesse pessoal, directo e legítimo.

São deveres dos Associados Efectivos:

- a) Integrar e desempenhar, com zelo e dedicação, serviços na actividade da Associação, designadamente no seio dos departamentos criados pelo Regulamento Interno.
- b) Comparecer nas reuniões da Assembleia Geral.
- c) Observar as disposições estatutárias, dos regulamentos e as deliberações dos corpos gerentes.
- d) Desempenhar com zelo, dedicação e eficácia os cargos para que foram designados.